



O CASTELLO DE CHILLON.

Os versos de lord Byron fizeram celebres as marmoras deste castello. Das numerosas composições do illustre poeta britannico nenhuma é tão pathetica e tão igual no estilo e vigor dos pensamentos, como o celebre poema a que alludimos. Consta de um só canto, dividido em strophes: é dos que se leem sem interrupção, que enternecem, e geram determinada, completa e duradoura impressão. Todo o apaixonado sentimento, todas as melancolicas inspirações de Byron se encontram naquellas estancias, em que se absteve da ironia amarga e esgotadora da sensibilidade, que era uma das feições mais salientes do seu talento, mas que nesta obra suffocaria todos os attractivos e interesse. É a fórma do poema a narração, que faz um prisioneiro, dos movimentos da alma, que em seu carcere experimentára, sendo o resto unico d'uma familia inteira, martyr da fé religiosa. O pai perdeu a vida nos tormentos; de seis filhos, que eram, tres morreram a ferro ou a fogo, os outros tres foram abysmados na escura prisão de Chillon, e estreitamente agrilhoados a tres pilastras entre si distantes; não tardou que um dos miseros irmãos succumbisse á privação do ar, da claridade, do movimento; só o primogenito ficou com o mais novo, e em breve tambem o viu expirar. — Os versos de Byron exprimem affectos e ideas tão naturaes e sublimes, que espremem as lagrimas dos olhos do leitor. Não será facil exceder a pintura, que faz o captivo, da morte dos irmãos com elle encerrados; do mais novo, que seu pai tanto amava porque nas sobrançelhas se parecia com a mãe, e tinha os olhos da linda côr do firmamen-

VOL. V. MAIO 22. — 1841.

to: são admiraveis as linhas que descrevem a desesperação do preso depois de tão cruel perda, e as seguintes em que elle refere o como, no meio de suas miserias, os minimos successos lhe suscitavam inexplicaveis commoções: — n'um dia recuperou o sentimento de que existia, ouvindo o canto d'uma ave-sinha, que pousára na fresta do carcere: — n'outro, tendo conseguido trepar ás grades, oh como descobriu deslumbrado as montanhas, o lago, as brancas velas das embarcações e a cidade longinqua! — A excellente composição poetica de Byron subministrô ao pintor francez, Delacroix, um quadro muito applaudido.

Chillon é uma especie de castello feudal, na Suissa, á beira do formoso lago de Genebra (1) ao nordeste, e proximo ás bocas do Rhódano, situado sobre um rochedo baixo, e tendo communicação com a terra mediante uma ponte de madeira: na sua construcção ha bellezas do estylo gothico, porem é mais affamado por ter sido prisão de estado, nos primitivos tempos da reforma protestante, e uma especie de bastilha, durante os calamitosos dias da republica franceza. Em 1536 foi tirado do poder de Carlos 3.^o duque de Saboia, pelos povos do Cantão de Berne (2), assistidos dos genebrinos, que forneceram para o assaltar pela banda do lago uma pequena fragata, que era a força maritima da republica. Os conquistadores acharam n'um profundo calabouço, inferior ao nivel das aguas do lago, o senhor de

(1) Démos a vista e descripção de Genebra a pag. 2 do 3.^o vol.

(2) Vista e descripção de Berne a pag. 213 do 2.^o vol.

Lunes, Francisco de Bonnivard, intrepido antagonista dos duques saboianos e grande propugnador da independencia de Genebra: esteve prisioneiro seis annos; e passeando nos apertados limites da masmorra, sempre na mesma direcção, gastou a rocha por modo que fez um trilho concavo, que viu o conhecido viajante inglez, Coxe; como se mostram gastos os ladrilhos da casa de reclusão do infeliz D. Affonso 6.^o nos reaes paços de Cintra. Desde os ultimos dois annos do seculo passado pertence o castello ao paiz de Vaud, que se separou do cantão de Berne (3).

O Sr. John Scott visitou Chillon em 1819: era n'um domingo, e observa elle o seguinte. — « Quando estava contemplando uma formosa choupana com seu jardiminho, um tanto abaixo da igreja da aldeia, — tão pequena que devia ser tranquillã e feliz, — passagem occulta ás tormentas da vida tumultuaria, — sahiam da igreja os sons do canto dos psalmos; e logo depois ouvi sinos, que faziam echo pelas quebradas dos Alpes. — Mais alem as armas do paiz de Vaud se divisavam pintadas, como uma carta de jogar, nas muralhas do castello: os poucos soldados suissos que o guarneciam tinham uma apparencia chaã e assaloiada; eram um meio termo entre os soldados feudaes e os modernos milicianos; o fardamento que trajavam semelhava a libré dos lacaios dos clubs e assembléas. — Olhando-se desde a extremidade do lago em Villeneuve, é linda a perspectiva: mas o castello de Chillon é hoje interessante pela sua pacifica inutilidade; já lá vão os tempos em que para muito elle prestava. » — Allude o A., nesta ultima frase, ás epochas em que essa fortaleza servira de prisão d'estado.

A ROSA BRANCA.

(Fragmento.)

IV.

Na vida caminhava alegremente
Em trilho chão em relvas de ventura,
Debaixo de seus pés brotando amores,
E o nome só sabendo da tristura. —
Orava a Deus no céu, na terra amava
A quanto em tórno d'ella lhe sorria. —
Estrella da manhã no céu d'aurora
Sem mancha reluzia.

Qual orvalho mimoso d'alvorada,
Da terna mãe os prantos amorosos
Por vê-la assim tão pura lhe corriam
Dos olhos no futuro já cuidados.
Preparavam-lhe o leito regalado
Brandura, amor, caricias e desvellos;
Tinha n'alma o prazer, no rosto as graças,
E o céu nos olhos bellos.

S'entrava polas sallas perfumadas
Da festa fulgurante e buliçosa,
Por mais que mil lindezas lá brilhassem,
Ella só parecia ser formosa.
E nem tinha a açucena mais candura,
Nem o lyrio do val mais innocencia,
Dissereis ser incognito reflexo
De sobr'humana essencia.

(3) Achará o leitor a noticia do cantão de Vaud, com uma estampa, que mostra a capital deste pequeno estado da confederação helvetica, a pag. 137 do vol. 1.^o

Nunca a mente mais férvida sonhára
Um anjo assim. — Das vistas lhe manava
Um diluvio d'amor, que n'alma entrando,
Já n'alma não cabia e trasbordava.
Os soes do coração seus olhos eram,
Seus olhos em que o Empyreo se revia,
Matava de ternura se os baixava,
Matava se os erguia.

Rubra flôr, e botão maravilhoso,
Cortado nos jardins do Paraíso,
Somente os labios puros descerrava
Para n'elles brincar meigo sorriso.
A doce voz, que os ares perfumava,
Tormentas d'alma em doce paz fundindo,
Era um hymno incessante, um canto angelico
Da terra ao céu subindo.

Amára! — Fôra seu amor incendio,
Fôra oceano d'incognitas delicias,
Fôr' alma derretida em mil doguras,
O coração desfeito em mil caricias.
Mancebo que era em tudo similhante
D'olhares onde o ingenho throno alçára,
De sancta inspiração na fronte inscripta
A isempção lhe quebrára.

Dois anjos, d'asas candidas, nascidos
Ao sópro do Senhor em mundo estranho,
Unidos peito a peito aos pés do Eterno,
Não tinham não, de certo, amor tamanho:
O Sol, a Vida, o Ar, o Tempo e tudo
Gosavam-n'os elles só nas mutuas vistas,
Duas vidas cifravam n'uma vida,
E as almas eram mixtas.

Nem somente a existencia lhe roçava
Esse dos homens perennal fadario,
No meio d'insensível mundo avaro
Viviam no seu mundo solitario,
De sonhos, d'illusões, de paz, d'encantos
Em amplo mar deserto s'empregavam,
E os olhos cá da terra fatigados
Nos puros céus cravavam . . .

Era a noite fatal da tempestade,
Ondulavam do baile os esplendores;
E ella — ai! triste! — folgava-se guardando
Risos nos labios e no peito amores.
Inquieta de ternura e d'esperança
Gosava brandos gosos sem cuidado,
Sem ver sumir-se ao longe a sua estrella
N'horizonte cerrado.

Flores, luzes, musicas suaves
E a doce embriaguez de mil prestigios,
E perfumes e joias e outras joias,
Dominando as primeiras em prodigios.
Vago rumor, mansinhas confidencias,
Confuso gorgear de cem gorgeios,
E a dança a reflectir os moles passos
Em palpitantes seios.

E tudo a rescender de grato aroma,
E ella — a misera! — aspirando em tudo a vida,
Aguardando que o amante lhe viesse
A ventura dobrar tão bem sentida;
Mas — Deus! — elle não veio: — morto estava.
Quando vinha encontra-la, alvoroçado,
Em fundo precipicio o derrubára
Seu cavallo espantado.

Não veio — veio a nova desastrosa ;
E a triste ao saber tal não verteu prantos,
Nem gritos, nem queixumes, nem desmaios,
Nem ais doridos, nem mortaes espantos : —
Nada. — Pállida, immovel, insensivel
Soltou gelado rir no labio frio,
E qual jaspe ficou — estatua muda
Que da base cahio !

.....
E o baile proseguíra, recrescendo
Em bulicio e rumor e doidas fallas,
E a pobre afflicta, que a rasão perdêra,
Vagava á tôa nas alegres sallas,
E todos s'illudiam vendo o riso
Que em seus labios parados se fixára,
E a desvellada mãi, já brando o susto,
Como os mais s'enganára.

Notando mal o gêlo de seus olhos
E o peito a arfar e mudo gesto absorto,
Uns pensavam comsigo: « Oh ! que frieza ! »
Outros diziam: « Pobre do que é morto ! »
E as surdas magoas n'alma accumuladas,
Que a vida toda inteira lhe partiam,
Dôr que d'um golpe tudo lhe matára,
Nem elles a entendiam.

Oh ! que negro penar ! — que algoz tormento ! —
Que sina feia e má ! — que sorte crúa ;
Já fôra linda flôr, do prado orgulho,
Erma perla ficou na rocha núa.
Co'as rosas de seu rosto lhe fugíra
Dos mesmos que encantava o bando vario ...
O mundo que assim foges dôr calada,
Martyrio solitario !

—
Volvêra um'hora apenas, e de tantos
Nem já um só na misera pensava ...
E ella, sempre a sorrir co'a morte n'alma,
Sombra estranha entre todos vagueava ...
Ás janellas chegou — e, alli, seus olhos
Cançados já da festa assombradora
Saudaram, rindo, a tempestade horrenda
Que bramia lá fóra.

Toldara-se-lhe em dobro o triste peito,
E ella — a pobre ! — com isso se alegrára !
Se tríplices horrores vomitasse
A procella cruenta, mais folgára ...
E fôra quanto lhe alterára o rosto
Que s'ia em quedo marmore tornando,
E se alguem tal folgar lhe percebêra
Passára alem zombando !

.....
Chegára ao gráu mais alto o baile ardente,
Correntes de prazeres delirantes
Corriam pola turba, que encontrada
Em vagas ondulava sussurrantes. —
Morta no coração, cortada n'alma,
Qual de bardo infeliz quebrada lyra,
Entre todos passára, não notada,
E das sallas sahira.

E em convulso estertor, em ancia muda,
Arrancando os adornos preciosos,
No chão os arrojára, quaes se fossem
Vis emblemas de tratos tenebrosos.
A branca rosa, que o amante desvelado
Na vespera lhe dera, só guardára,
E sem olhos voltar sahira ao campo
E nunca mais tornára ! ...

V.

Nas campinas solitarias,
Pela rocha agreste e dura,
Toda exposta ao vento frio,
Dada ás féras da espessura,
Sem mãi, para te cubrir,
Aonde irás tu dormir ?

Sem o teu Christo doirado,
Que n'outr'ora tanto amavas,
Sem a tua imagem linda
Da Virgem por quem chamavas,
Sem mãi, para te abraçar,
Aonde irás tu parar ?

A chuva, que em rios cahe,
Ei-la ensopa os teus vestidos,
Teus membros, tão delicados,
Em pouco serão transidos ;
Sem mãi, para te aquecer,
Aonde irás tu jazer ?

Longe do mudo piano
E das tenras avesinhas,
Que com tua mão criaste,
A quem tanta affeição tinhas,
Sem mãi, para te beijar,
Aonde irás tu fíndar ?

VI.

Pelo campo vagára a desgraçada
Com seu constante rir,
Dos espinhos do matto retalhada
E sem nada sentir,
E depois de fartar-se de tormentos
Com tanta crueldade,
Sobre a rocha mais alta se assentára
Sorrindo á tempestade.

E a tormenta passava
Na rocha e sobre o mar,
E a misera sorria
Contínuo, sem parar.

E par'cia alli posta solitaria
Rara nevoa delgada,
C'roando a negra rocha, ha tantos seculos
Sobre o mar empinada,
No espaço assim perdida a fórma incerta,
Cuidareis só sonhala : —
Ou anjo ou nimpha — sem caber á mente
O poder d'alcança-la ;
Só quem bem no semblante lhe attentasse
Veria com espanto
Polo rosto correrem-lhe dois rios
De fundo surdo pranto.
Cavando leito ardente em faces gélicas
O chôro que corria
Dos olhos seus em fio mudamente,
Ai ! que a triste o bebia ?

E a tormenta passava
Na rocha e sobre o mar,
E a misera chorava
Contínuo, sem parar.

(Continúa.)



FONTE DO S.^r DA PIEDADE EM ELVAS.

De Helvecios cremos Elvas derivada,
Fortaleza do reino mui luzida:
Pelas Linhas quebradas afamada,
E por mitra e bastão ennobrecida.
*Silveira. — Coro das Musas. Part. 1.^a
Est. LXXV.*

ILLUSTRE por feitos d'armas, que acreditaram o valor portuguez, é a praça e cidade d'Elvas: em breve epilogo deixámos descriptas as suas fortificações a pag. 25 e 33 do 4.^o volume, e narrámos a pag. 55 e 61 do presente as façanhas obradas a pró da independencia da patria, de que foram theatro

Soberbos muros d'Elvas vencedora (*).

Posto que no vol. 3.^o a pag. 217 e 257 tivéssemos dado summaria noticia desta nobre e antiga povoação do nosso reino, muitas particularidades ha que por nenhum modo devem ommittir-se e que extrahiremos d'uma memoria, que nos foi enviada pelo nosso correspondente d'Elvas, escripta por pessoa litterata, que modestamente occultou o seu nome, assignando-se — *um elvensis*. —

Tem o primeiro logar os modernos descobrimentos de monumentos antigos. Em 1803 acharam-se nas visinhanças d'Elvas e sitio chamado *Alpedreira*, umas sepulturas, de que se fez auto no livro das verações da Camara do referido anno de 1803, a folhas 81 vers. com data de 12 de Maio. Vê-se que a camara chamára o proprietario daquelle terreno, Santos Teixeira, para declarar e descrever os mo-

(*) Dinis. Ode Pind. a D. João da Silva.

numentos achados; e isto, como no auto se declara, em execução do Alvará de 1721, novamente recommendado no de 14 de Fevereiro de 1802. Colligiu-se do exame que, ao cavar as mantas para metter bacello, se descobriram tres sepulturas, de alvenaria pela parte exterior, e de pedra pela interior, tendo de comprimento nove palmos, de largura dois e meio até tres, e de profundidade tres palmos pouco mais ou menos. Depois se descobriram algumas sepulturas fabricadas com tijolos. — Outro coffre mortuario, de laminas de marmore, com uma pollegada de grossura, bem como os outros, appareceu na herdade de Moralises. Junto ao ribeiro de Gil-Navalha, onde ha vestigios de antiga povoação, se encontram sepulturas de diversa construcção. No mesmo sitio, horta da Oliveira, desenterrou-se outra com um cadaver de creança em caixa de chumbo. Na horta do Macedo, junto ao dito ribeiro, se descobriu outra em 1835, formada de grandes ladrilhos, daquelles que serviam para os terrados e cuberturas das casas ao modo dos celtas, de diversas dimensões, e que se conhecia terem sido extrahidos de ruínas, sem alvenaria, de modo que pareciam dispostos para entaipar os cadaveres. Os antiquarios quebrarão a cabeça para assignarem datas e nomes a estas construcções: cumpre-nos só dar noticia dellas, na honrada fé do escriptor da memoria que citámos.

No fosso, que se fez nas fortificações da praça d'Elvas, no revelim que fica em frente das costas da capella-mór da igreja do hospital de S. João de Deus, descobriu-se uma pedra de marmore, com uma imagem em meio relevo, que por ter arco e settas quizeram alguns que fosse de Cupido, mas que é mais provavel que seja d'Hercules, por estar recostada sobre a pelle de leão e armada da clava: os pedreiros a collocaram na face da parede do revelim, que olha para o rocio do Calvario.

Elvas foi villa, na cathogoria e estatistica das povoações portuguezas, até que elrei D. Manuel a elevou á supremacia de cidade: e aqui, á face de um documento, rectificaremos um erro do P.^o Carvalho, a quem seguimos a pag. 217 pondo a data desta mercê em 31 d'Abril de 1513. Depois dos titulos reaes diz o documento: — fazemos saber que esguardando nós os muitos e grandes serviços, que os reis nossos antecessores e estes reinos sempre receberam e nós temos recebido, dos fidalgos cavalleiros, escudeiros, e povo da nossa mui nobre e leal villa de Elvas, com risco de suas pessoas, e grande gasto de suas fazendas, assi como bons e leaes vassallos, como elles são, e foram sempre no serviço dos ditos reis nossos antecessores, foram achados assi nas guerras antigas e passadas dantre estes reinos e os de Castella, e como em todos os outros serviços, nos quaes grande e lealmente sempre serviram; e vendo a grandeza della e como a sua povoação e nobreza vai, louvores a Nosso Senhor, cada vez em maior crescimento, povoada de fidalgos, cavalleiros, e outra gente de merecimento, e que estão sempre aparelhados para nos servirem com armas, homens e cavallos: e como por todas estas rasões é cousa justa que á dita villa façamos acrescentamento e honra, com a qual consiga aquelle louvor e memoria, que por taes serviços merece: Por todos estes respeitos e pelo grande amor e affeição, que lhe temos, e boa vontade para os nobres fidalgos, cavalleiros e todos os outros moradores, e procuradores della fazemos agora, e sempre, favor e mercê; e por esta presente carta nos praz fazermos e de facto fazemos a dita villa cidade, e queremos e havemos por bem que

daqui em diante se chame cidade e como tal *goiba* de todas as honras, graças e mercês, privilegios, liberdades e franquezas, que são dadas e outorgadas pelos reis, nossos antecessores, e por nós, ás cidades de nossos reinos, dos quaes todos he nossa mercê que *goiba* inteiramente e sem mingoamento algum. Porem lhe mandámos dello dar esta nossa carta, por nós assignada, e sellada de nosso sello de chumbo, para o terem por memoria e honra e mercê, que lhe muito fizemos, por seus grandes serviços e merecimentos. Dada em a nossa cidade de Evora aos 20 dias do mez d'Abril. Antonio Fernandes a fez, anno de N. S. J. C. de 1513. —

A igreja de St.^a Maria, uma das quatro parochias de Elvas, foi elevada a sé episcopal por bulla de Pio 5.^o aos 8 de Junho de 1570, sendo o seu primeiro prelado o Dr. pela universidade de Paris, D. Antonio Mendes de Carvalho, contando-se até o presente vinte e quatro bispos, que tem regido esta diocese. — A sé está edificada quasi no cume da encosta em que se espraia a cidade, e no meio desta: é preciso para chegar ao grande taboleiro da frontaria subir oito degraus, e mais dezeseis para se entrar a porta principal; porque tendo querido os edificadores pôr em plano horizontal o solo da igreja, fizeram um atterro da parte da porta principal, que corresponde ao lado para onde a encosta desce, e que neste lugar por ser já perto da assomada do monte é com effeito de mais aspero declive. A escadaria, composta ao todo de 24 degraus, é de marmore branco, como tambem são da mesma pedra as duas formosas columnas jonicas, que adornam a portada. O exterior do templo é de cantaria, já enegrecida pelo decurso dos annos: o interior consta de tres naves, cujas abobadas, outrora pintadas e douradas ao brutesco, se sustentam sobre columnas agrupadas, e fecham com laços e cruzaria de bastante primor. A capella-mór com seu elegante arco é formada de finos marmores, mui polidos e lustrosos: foi esta obra, assim como os altares de St.^o Antonio e N. Sr.^a da Conceição, executada pelos mestres mais peritos que trabalharam na basilica de Mafra. Comprehende a igreja doze capellas: na maior em que está o côro, foi collocado, em 15 d'Agosto de 1759, entre quatro grandes columnas de ordem corinthia e de marmore preto, o grandioso painel que representa o mysterio da Assumpção de Nossa Senhora, a que é dedicada esta sé, como o são todas as mais do reino por disposição d'elrei D. João 1.^o — É quadro que tem merecido applausos d'entendedores (*): na magestosa presença da SS.^{ma} Virgem, exprimindo o seu jubilo, no movimento dos anjos que a elevam, como a pouco e pouco a um formoso céu de gloria, mostrou sua pericia não vulgar o pintor que se chamava *Lorenzo Gramicera*, como elle proprio escreveu na base do sarcophago da St.^a Virgem, que se vê na parte inferior do mesmo quadro: á roda daquelle deposito, onde repousava o corpo da Mãe de Deus, está um grupo d'apostolos, cada um mettido em perspectiva na conveniente situação e com feliz e variada expressão das physionomias. S. Pedro [cujá cabeça pintada d'escorço é admiravel] faz como principe dos apostolos a figura principal neste bellissimo grupo: tambem logo encontrámos com os olhos S. João Evangelista, que foi o discipulo mais amado de Christo; e assim S. Thiago, patrono principal do bispado, e todos os outros apostolos estão pintados com a maior propriedade de attitudes. Outras pinturas ha de bastante merecimento n'algumas capellas, devendo especialmente mencionar-se o painel do thaumaturgo portuguez, St.^o Anto-

nio de Lisboa, obra do pincel de Bento Coelho da Silveira, e o outro da capella fronteira, dedicada á Sr.^a da Conceição: este ultimo foi miudamente observado e muito louvado pelo nosso illustre pintor, Cyrillo Wolkmar Machado, quando esteve em Elvas em 1779. — Nas paredes e abobada da grandiosa sacristia ha tambem primorosas pinturas a fresco. A sala capitular é magnifica, tem 15 braças de comprimento e tres de largura; quatro janellas de peitoris, a que correspondem outras tantas envidraçadas de bons espelhos, lhe dão muita luz e a fazem muito alegre. As paizagens nos sobrearcos das portas e janellas teem um colorido suave e as situações bem escolhidas, como o todo da execução é harmonioso e agradável: devem-se ao mimoso pincel de Antonio de Sequeira, natural d'Elvas. Outras pinturas de mão de mestre possui a sala: porem sobre tudo captiva a attenção o apostolado de fino e bem lavrado jaspe, que, em molduras douradas, orna e circunda o altar de N. Sr.^a da Conceição, imagem pintada n'um painel de correcto desenho, e gracioso colorido.

Mais tres freguezias ha na cidade, que tem por oragos St.^a Maria d'Alcaçova, S. Salvador, S. Pedro apostolo. D'entre as mais igrejas deve o curioso viajante examinar as seguintes. A elegante rotunda do convento das freiras dominicanas foi começada em 1543. — O extincto convento de religiosos da mesma ordem tem um bello templo de tres naves, e na capella-mór excellentes e antigas pinturas, de que trata o chronista, Fr. Luiz de Sousa, no cap. 8.^o do L.^o 4.^o O recinto desta casa serve de aquartelamento ao regimento d'artilheria. — O templo da ordem 3.^a de S. Francisco tem um santuario de bellas imagens de santos, e o famoso entalhado de bordo dourado, obra de muito gosto e arte, em que se consumiram quatro annos, e se gastaram nove mil e quinhentos cruzados: todo o edificio desta veneranda corporação é nobre e cheio d'excellentes accommodações; sendo notavel a cisterna oval, de cantaria, e de curiosa fabrica, que tem attrahido a attenção de pessoas entendidas; foi em grande parte feita á custa do bispo, D. João de Sousa de Castello Branco. A igreja de S. Thiago, hoje parochia do Salvador, foi o collegio dos jesuitas; é bom edificio, posto que incompleto. O templo da St.^a Casa da Misericordia consta de tres naves sobre columnas de pedra e da ordem toscana: na boca da capella-mór se vê um bom quadro da Visitação pelo acreditado pintor, Joaquim Manuel da Rocha, que falleceu em 1786. Contiguo fica o hospital civil, amplo e commodo, onde os enfermos pobres são tratados com esmero e abundancia; não só é casa nobre, como de luxo, com seu portico e escadaria de marmore. — Das casas consagradas á devoção, e á honra de Deus e de seus santos, que ficam extramuros e fóra das fortificações da cidade, citaremos a linda igreja do Senhor da Piedade, ao pé da qual está collocada a bella fonte que a nossa estampa representa.

Em 16 de Fevereiro de 1737 se abriram os allicerces para a primitiva capella do Senhor da Piedade; mas como foi em augmento o numero e devoção das pessoas que a frequentavam, por ordem do bispo D. Balthasar de Faria e Villasboas se lançaram os fundamentos á edificação de um templo de maiores dimensões e de mais elegancia, aos 11 de Agosto de 1753, e é o que hoje permanece. O todo desta igreja é mui agradável; e nos dois altares collateraes observam-se dois quadros de Cyrillo Machado, representando um a Virgem com o Menino, e outro a S. Pedro apostolo e penitente. Logo adjacente fica a hospedaria para os romeiros: é sitio

(*) Seguimos a memoria já apontada.

ameno, com seus arvoredos, e ministra aos habitantes da cidade um aprazível passeio: a fonte, que o adorna e refresca com suas aguas cristallinas, rega um pequeno, mas bonito jardim; os marmores de que é formada, nas diversas peças de que é composta e que na gravura se mostram, foram trabalhados pelos mestres da cantaria da magnifica obra do convento de Mafra. Fica ao poente, obra de 600 braças distante da cidade.

Temos mais a notar, na enumeração das obras das bellas-artes de que Elvas se vangloria, os quadros do já mencionado pintor Cyrillo, pintados a tempera, que guarnecem a sala das sessões da Camara nos paços do concelho, e figuram a historia, tirada dos livros santos, do rei persa Assuero e da virtuosa Esther. Esta casa da Camara, com sua torre de relógio, faz frente para a praça da cidade, e fica fronteira ao frontispicio da sé: com ella tem comunicação interior o paço episcopal, que pouco distante jaz, o qual tem servido d'accommodação ás pessoas reaes nas occasiões em que visitaram Elvas.

No anno de 1807 se deu principio ao jardim e passeio publico, que serve de agradável diversão aos habitantes, e está construido sobre cinco ramaes da estrada coberta da praça, comprehendidos entre as portas de Olivença e da Esquina. — A agua de que a cidade se abastece vem, distancia de uma legua para o poente, do sitio chamado *Amoreira*, conduzida por um bem construido aqueducto; do principio da construcção deste não ha memoria determinada; suspeita-se que a sua edificacção pertence ao decimo quinto seculo pelo menos, porque, segundo consta, no reinado de D. Sebastião já estava muito adiantada a arcada grande, proxima á cidade, onde já corria a agua no anno de 1570: fornece copiosamente alguns edificios publicos, o jardim, de que acima fallámos, e os chafarizes, sendo os principaes, o da Misericordia, o de S. José, e o de S. Lourenço; para esta ultima fonte deu o desenho o general Valleré, que foi o executor das obras militares da praça, e porventura o aperfeçoador do seu primeiro risco, dado pelo conde de Lippe: é ella ornada de quatro columnas brutescas com intercolumnios e entrepannos d'embrexado. A cisterna d'Elvas é celebre pela sua construcção e capacidade, e porque a agua de que é receptaculo não provem das chuvas, como em todas as mais cisternas, mas sim do já indicado manancial da Amoreira: é portanto propriamente um deposito; e antes de estar rôta e perder quantidade de agua, recebia tanta, introduzida no inverno para consumo do povo na estação quente, que mantinha uma bica corrente noite e dia por espaço de seis mezes sem se esgotar. Nas visinhanças da cidade ha muitas nascentes, mais ou menos copiosas, em numero talvez de seiscentas, que fertilizam mais de quatrocentas quintas, pomares e hortas, que a circumdam e fazem apraziveis e abundantes os seus arredores; dois desses mananciaes brotam aguas ferreas; e de outro chamado *a fonte da prata* diz o Dr. Henriques, no *Aquilegio Medicinal*. — «Junto ás muralhas da cidade d'Elvas, ao sahir da porta de S. Vicente, ha uma fonte, que chamam da prata, pelo aceio com que a compõe o senado, corre com perenne abundancia e tem-se experimentado que é a sua agua de grande utilidade nos ardores d'ourina, nas diarrheas rebeldes, e nas inflammacções de olhos. Ha tradiçào de que neste sitio da fonte houvera algum tempo banhos, e de que aquella porta da cidade se chamava *a porta dos banhos*.» —

Muitos arvoredos amenizam aquelles contornos, sobressahindo porem os extensos olivaeos, que fazem parte da riqueza da terra; são bem conhecidas as

azeitonas de conserva, de uma especie grande e semelhante ás famosas de Sevilha, e que chamámos — d'Elvas: — o azeite provindo destes sitios é de excellente qualidade, e preferivel ao de outros logares (3).

Uma commissão administrativa, composta de seis membros, proprietarios, auctorizada pela regia provisào de 22 de Março de 1824 vigia e guarda, mediante seus empregados subalternos, a conservacção dos olivaeos, fazendo venda dos pastos que ha nos mesmos, pagando aos guardas, evitando os danos e cuidando em tudo o mais que respeita a estas preciosas plantações.

Elvas, assim como abunda em fructos e hortaliças, assim possui fartura de gados e de aves domesticas, não lhe faltando caça miuda e alguma veaçào. — Com a argila ou barro dos campos proximos se faz toda a qualidade de louça grosseira, para usos domesticos, como são potes, panellas, malgas &c., e do mesmo modo telhas e ladrilhos. Pelo que respeita a metaes, consta que pelos annos de 1769 dois inglezes fizeram uma tentativa, auxiliados pelo general da provincia, e depois com assentimento do governo, para minerar estanho n'um local junto á ermida do Sr. da Boa-Fé; mas ou porque as veias fossem pouco abundantes, ou porque não souberam extrahi-lo, desamparou-se a empreza, subsistindo todavia ainda hoje a excavação. — Junto d'Elvas ha mina de cobre, que segundo as ultimas indagações produz 25 por cento, como indicámos a pag. 104 do 3.^o volume.

Terminaremos o presente artigo com a summaria noticia do monumento mais glorioso d'Elvas. É este o padrão commemorativo da famosa victoria do rompimento das linhas, que nos artigos citados no principio deste se acha relatada. Está na distancia de 700 toezas contadas da magistral da praça, e relativamente a esta na direcção entre nornoroeste e noroeste, sobre o caminho de Barbacena, em terreno elevado. Consiste de uma columna da ordem toscana, com pedestal assente sobre proporcionado pavimento, para o qual sobe-se por tres degraus em cada uma das quatro faces, sendo toda a construcção de marmore branco: o fuste da columna tem de alto 16 palmos e, quanto ás mais peças, as dimensões respectivas á ordem de architectura a que pertence. Sobre o capitel só tem a architrave do entablamento, rematando com uma corõa real. No pedestal está gravada uma inscripção que diz o seguinte. —

— «No anno de 1659 reinando em Portugal D. Affonso o 6.^o, em terça feira 14 de Janeiro do mesmo anno, D. Antonio Luiz de Menezes, marquez de Marialva, capitão general desta provincia d'Alemtejo, introduziu socorro na praça e cidade d'Elvas, que estava sitiada por D. Luiz d'Haro, capitão general da Estremadura, primeiro ministro d'elrei D. Philippe o 4.^o; atacando, rompendo, desmantelando, e ganhando a circumvallação inimiga, artilheria, bagagens, munições e secretaria, tomando muitos cabos e prisioneiros. Esta memoria se poz para que os mortaes deem graças ao senhor dos exercitos e victorias; roguem pelas almas dos que se acharam e deram as vidas em tão singular e porfiada batalha, que durou das nove da manhaã até se cerrar a noite.» —

(3) Das azeitonas de Mérida na Hespanha e d'Elvas em Portugal fallou com elogio o romano naturalista Plinio. — Na descripção de Portugal, da collecção dos Elzeviros, lê-se esta passagem de mestre Resende: — *Elvas . . . alci bonitate, sine controversia, primas obtinet*: — que Elvas, na bondade do azeite, obtem sem controversia a primazia.

Mandou tambem elrei D. Affonso 6.^o erigir no outeiro proximo ao mesmo padrão, e a distancia pequena donde fôra o primeiro ataque nas linhas, uma hermidia dedicada a S. Jorge, dando-lhe capellão para dizer missa quotidiana e resar responso pelas almas dos que morreram na peleja: presentemente, segundo informação de pessoa accreditada, ainda existe o capellão, porem, sem duvida pelo ignorar, não cumpre com uma instituição tão pia. — Como aquella batalha foi dada no dia 14 de Janeiro, vespera de St.^o Amaro, e na hermidia está collocada uma imagem deste santo, chamam-lhe vulgarmente de St.^o Amaro; e a frequentam, como festividade d'arraial, no mencionado dia os habitantes da cidade e povos circumvisinhos.

FUNDOS PUBLICOS.

2.^o

ESPERAVAMOS poder dar aos nossos leitores um resumo de toda a divida dos novos Estados da America; todavia não nos tendo sido possível obter dados certos sobre a divida interna, limitar-nos-hemos a fallar da divida externa, isto é, da contrahida em Inglaterra; pois da que elles devem a outros Estados não conseguimos tambem os precisos esclarecimentos. Outra circumstancia, que acompanha a divida dos novos Estados da America, é o não haverem elles pago o juro de um anno da mesma divida, o que lhe tem augmentado a importancia, talvez para mais de metade.

Divida estrangeira.

Mexico	réis — 25,600:000	\$ 000
Guatimala (1)	" — 640:000	\$ 000
Nova-Granada	" — 13,200:000	\$ 000
Venezuela	" — 74,052:000	\$ 000
Equador	" — 5,794:800	\$ 000
Perú	" — 4,000:000	\$ 000
Buenos-Ayres	" — 4,000:000	\$ 000
Chili	" — 4,000:000	\$ 000
Brasil (2)	" — 12,800:000	\$ 000
Hayti ou S. Domingos (3)	" — 24,000:000	\$ 000

Esta divida da Republica-negra hade ella paga-la ao governo francez pela sua independencia. — Os Estados-Unidos da America tinham em 1784 uma divida externa de 6,370:367 \$ 200 rs., e outra interna, e o que era peor, em papel-moeda, na importancia de 287,637:620 \$ 800 réis. Comtudo o presidente Jackson annunciou no discurso que pronunciará na abertura do congresso, em 3 de Dezembro de 1834, que toda a divida do Estado ficaria extincta no 1.^o de Janeiro de 1835.

Havendo nós appresentado uma parte do triste quadro da situação financeira dos povos americanos, sem entrar-mos nas nefarias transacções feitas com algumas das suas dividas nacionaes, convertidas em fundos publicos, passaremos agora a tratar do modo como estes fundos se criam, compram, e transferem

(1) A divida interna de Guatimala consolidada monta a 2:000:000:000, e a não consolidada a 1:200:000:000.

(2) O governo do Brasil tem pago a sua divida corrente-mente.

(3) Nesta somma não vão comprehendidos os juros.

N. B. Advertimos que os presentes calculos das dividas daquelles estados dizem só respeito ás que elles contrahiram até o anno de 1830, pois dessa epocha em diante não temos dados por onde possamos julgar do seu augmento ou diminuição.

em Londres, visto que o systema alli seguido a tal respeito differe muito do que se pratica nas bolsas de Amsterdam, Paris, Francfort — outros tres emporios deste genero de riqueza.

Quando o governo carece de um emprestimo, annuncia-o ao publico para contractar com quem lhe offerecer maior vantagem. Estes novos emprestimos, que se pagam a prazos certos de dez ou quinze por cento, fazem subir os outros fundos tres por cento, ou mais, conforme as precisões do Estado: — de modo que por cada 100 lib. sterlingas de capital se cria um novo fundo de 103 lib. — Esta differença chama-se em inglez *bonus*, e o aggregado deste fundo additional de varias especies se denomina *omnium*. Se o novo fundo é vendido pelos mutuantes antes de satisfeitos todos os prazos, ás porções separadas se dá o nome de *scrip*, abbreviatura formada com as letras do centro da palavra *subscriptio*. O valor dos fundos publicos está em contínua fluctuação, umas vezes por causas reaes, outras por simples boatos contrarios á paz ou segurança do Estado. — Qualquer occorrença que traga consigo estes dois males, ou algum outro contrario á publica prosperidade, embora só tenha existencia imaginaria, altera o preço dos fundos publicos. Uma grande victoria, ou um tractado de paz faz-lhes subir o valor; e a perda de uma batalha, a declaração de guerra, ou a morte do soberano influem na baixa, conforme a gravidade de que vem revestidos esses acontecimentos. — Quando ha muitos vendedores e poucos compradores, ou *vice versa*, tambem se observa uma pequena alteração, assim no preço dos fundos como no agio (4). Compram-se fundos, dando-se uma somma real em dinheiro por uma quantidade nominal em papeis. — Se a compra se faz, por exemplo, em fundos de tres por cento, custa 64 \$ 000 réis em dinheiro o valor nominal de 80 \$ 000; vindo portanto a render aquella somma tres por cento de juro ao anno; — mas se se comprarem fundos de quatro por cento custará mais de 80 \$ 000 réis em dinheiro a mesma quantia em valor representativo. Posto que haja no Banco a possível facilidade de negociar estas compras e vendas, é comtudo necessario, para realisar similhantes transacções, a intervenção de um corrector de fundos, que prove a identidade das pessoas que fazem a transferencia, antes que os respectivos empregados do Banco entrem e façam as competentes declarações nos livros. As transferencias de fundos tem logar nos dias marcados pela junta de directores do Banco, e com uma quantidade de fundos não podem realisar-se duas transacções no mesmo dia. Entre o encerramento dos livros aonde se registam as transferencias de fundos, e a sua abertura media vulgarmente o espaço de seis semanas.

Tal é o methodo seguido até aqui na compra, venda, e transferencia de fundos, de um modo legal e util, podendo assim qualquer pessoa empregar o seu dinheiro em tempo de paz; receber um juro modico porem seguro, e haver outra vez á mão o

(4) *Agio* — termo de commercio, é a disparidade que em commercio se acha entre uma moeda e outra, em rasão do preço d'affeição: *Azuni*. Tambem se chama agio a vantagem que se dá ou se recebe em ajuste de uma moeda por outra. Daqui vem que onde n'um commercio dado se faz mais uso de uma especie de moeda que de outra, esta especie de moeda toma-se por uma mercadoria sujeita a maior ou menor valor, segundo as circumstancias (Baldasseroni). — Ganilh define *agio* como termo de banco, dizendo que *agio* exprime a somma necessaria para cobrir a differença do valor nominal, e do valor real das moedas. E' certo que em todas estas accepções se emprega o termo agio, mas algumas vezes é substituido por outras palavras. — *Ferreira Borges*. — *Diccionario Juridico-Commercial*.

seu capital no dia em que lhe quizer dar outro destino. Ha tambem um methodo illegal de que se faz, todavia, grandissimo uso, e a que se dá o nome de *jogar aos fundos*, chamando-se com muita propriedade *tahures* aos que exercitam esta *agiotagem* (5).

É ella praticada por individuos que supprem a mingua de capitaes pelo grande conhecimento da materia, que consiste em contratar a venda e transferencia de certa quantidade de fundos publicos n'um periodo futuro, como v. g. para o ultimo dia do mez, e por um preço convencionado; por exemplo: — Antonio ajustou com Francisco vender-lhes o valor de 10,000 lib. sterlinas em acções do Banco d'Inglaterra por lib. 12,000, cuja venda se suppõe terá effeito no termo de vintedias: — Antonio não tem, comtudo, nem espera ter, semelhante quantidade de acções. No entanto se o preço das acções do Banco baixar, no dia marcado para a transacção, a 18 por cento, poderá elle comprar n'aquelle dia as 10,000 lib. por 11,800, e passando-as da sua mão ganhará 200 lib. — Se pelo contrario as acções subirem no referido dia a 125 por cento as 10,000 lib. lhe custarão 12,500, vindo então a perder 500 lib. na especulação. Mas como nem Antonio tem semelhantes acções para vender, nem Francisco possui dinheiro para as comprar, a transacção se conclue pagando um ao outro a differença do preço, tendo um o proveito e pagando outro a divida. — Estes são os negocios chamados de *tempo*, e os que os fazem são chamados com todo o rigor da expressão *tahures*, por se reduzir a transacção a apostar sobre o valor que terão os fundos em tal ou tal dia, sendo a differença que houver o resultado da aposta. Na lingua technica destes traficantes o que em taes negociações faz a venda denomina-se *bull*, touro; e o que compra, *bear*, urso. Como nenhum dos dois póde ser obrigado a cumprir o contracto, por ir inteiramente d'encontro á lei, o unico principio que os dirige é a *honra*, que nelles tem a mesma força que nos jogadores de cartas ou apostadores de corridas, que tambem ás vezes receam perder o credito em que são tidos entre os homens do mesmo officio. — Para mutua conveniencia e commodidade tem elles estabelecido um dia fixo em cada mez a que chamam *settling day*; isto é, dia do ajuste. A pessoa que, chegando este dia, não estiver em circumstancias de pagar o que deve por perdas ou outras occorrencias, dá-se o nome de *lame duck*, pato cocho, e é expulso com ignominia do *alley*, local aonde todos se reúnem; devendo reputar-se muito feliz quando não passam a vias

(4) *Agiotagem* — termo commercial: — é a compra e venda, real ou simulada, dos fundos publicos ou particulares que cahem em negociação; — ou d'um genero particular de fazendas para o fazer augmentar ou decahir de preço em consequencia de circumstancias politicas, ou por jogo dos especuladores. Esta segunda especie importa propriamente o que chamamos *monopolio*, que é o primeiro inimigo do commercio. Comprar ou vender fundos ou papeis commerciaes, seja qual for a especie, é um commercio tão licito como qualquer outro. Celebrar uma compra ou venda fantastica de fundos, é uma convenção aleatoria, um jogo: — tem a moralidade do jogo. Açambarcar os fundos para dictar o seu preço, e regular o seu agio é monopolisar, e consequentemente operação tão ruinosa á propriedade individual, e portanto á sociedade, como qualquer outro monopolio. — Esta agiotagem não é sancionada por lei alguma, ainda que a sua desmoralidade é mui geralmente illudida. Em França a agiotagem é punida como delicto, quando o que faz a venda de effeitos publicos os não tinha realmente á sua disposição no momento da venda, ou na epocha em que devia fazer-se a entrega (Crivelli). Em Inglaterra o Stock-Exchange é uma anomalia da civilização britannica. — *Ferreira Borges*. — *Diccionario Juridico-Commercial*.

de facto contra ella. — Os mais honrados, para não soffrerem quebra no conceito que merecem aos seus consocios, se chegam ao estado de, por falta de meios, não poderem satisfazer aos seus empenhos, declaram-se fallidos, entregando na mão d'aquelles quanto possuem; e mui venturosos se julgam por affastarem de si a ignominia que traz consigo o mencionado epitheto com as suas inevitaveis consequencias.

A facilidade que esta extravagante gente e perniciosas especulações apresentavam aos que pertenciam negociar em fundos sem terem capitaes sufficientes arruinou tantas fortunas e familias, que por uma lei expressamente feita pelo parlamento se impoz a multa de 200 \$ 000 réis a toda a pessoa convencida de haver entrado em semelhantes transacções. E nessa occasião, e até na mesma lei, foi comminada identica pena ao que ajustasse a venda de fundos que não possuísse no momento do contracto; e a de 40 \$ 000 réis ao corretor ou agente empregado na negociação. Apesar de todas estas providencias, o *jogo de fundos* em Londres não cessa um só dia de ter logar com pasmoso descaramento, chegando o arrojo a tão subido ponto, que se patenteiam em papeis publicos os nomes de todos os touros (*bulls*), ursos (*bear*), e patos cochos (*lame duck*) que appareceram nos dias em que findaram os prazos respectivos. E isto acontece em Inglaterra aonde a lei tem força e é respeitada. — O que succederia em paizes aonde não ha lei, ou se ella existe é sómente sobre o papel ou nos labios dos oradores?

TESTEMUNHOS A FAVOR DE CAMÕES.

O CELEBRE escriptor em economia politica, João Baptista Say, n'um voluminho que comprehende observações soltas sobre os homens e a sociedade, diz o seguinte — « N'um auctor fecundo cada situação, cada facto recorda uma multidão d'ideas e de sentimentos, e quando esse auctor possui ao mesmo tempo gosto e arte, essas ideas, esses sentimentos roboram a idea principal: desta maneira, quando o Camões pinta a partida de Vasco da Gama e seus companheiros para uma navegação aventureira, os representa preparando-se para a morte com orações, e acompanhados pelas preciosões religiosas, que por elles fazem votos: pinta o tropel que enche as praias, repete os discursos da mãe ao filho que vai partir, da esposa ao esposo, do prudente velho que discerne as causas e consequencias de tão vasta empreza e a vaidade da gloria e os desastres que acompanham as conquistas: isto é mais alguma cousa do que narrar um embarque. » —

O abba de Andrès a pag. 241 do 4.º tom. da obra, que intitulou *Del origine dei progressi dello stato attuale d'ogni litteratura*, diz que o Camões — « é o primeiro épico entre os modernos que arrebatou os applausos de todas as nações e o primeiro que mereceu o estudo dos verdadeiros poetas. » —

Duas intelligencias vastas e vigorosas, M.^{me} de Stael, e o Sr. Visconde de Chateaubriand, tributaram grandes elogios a Camões: o Sr. Visconde tambem lhe concede a palma de primeiro épico entre os modernos. —

EM nossos actuaes costumes o despotismo é, como as trovoadas, um flagello passageiro. A opinião publica, mais forte que elle, o mata: o despotismo cahe e lhe succede o governo regular. — *Henrion de Pansey. Du pouvoir municipal.*